

SUPERNOVA

boletim informativo do CEFISMA

produção do centro acadêmico da física

| junho 2024

A aprovação na universidade é o sonho de muitas pessoas, mas como a vida muda ao efetivar a matrícula?

Em um primeiro momento eu sequer pensava em entrar na USP (por incrível que pareça) visto que ouvi muitos relatos dos estudantes do IFUSP, relatos esses que me trouxeram medo de ingressar no Instituto, visto que antes mesmo de entrar chegaram a me falar que eu iria trancar o curso em pouco tempo, que meus professores não ligam para meu aprendizado, entre outras mil histórias, mas ao final de tudo, pela qualidade da universidade e proximidade com minha casa, eu escolhi o IFUSP como local de graduação.

escrito por Mariana Barbosa

página 2

A organização estudantil na Física: dificuldades e próximos passos

Aqueles que estão no IFUSP desde antes da pandemia devem ter a memória de como era a vida estudantil antes da pandemia, entidades fortes, festas renomadas, atividades culturais e acadêmicas diversas e assembleias que atingiam quórum. Longe de trazer uma visão idealizada, quero buscar retomar essa memória em sua materialidade para que possamos ter clareza da sombra das expectativas, que pesa sobre as costas de quem constroi as entidades no IFUSP hoje, e despir-nos dela de modo que possamos olhar para a realidade que se apresenta para nós e pensarmos nos próximos passos para construirmos uma comunidade e uma organização estudantil que supere, inclusive, a organização passada. Não devemos tentar voltar para um passado idílico que não existe mais, precisamos rumar para o futuro.

escrito por Olivia Anelli

página 3



Você tem interesse em participar da produção da SUPERNOVA?

entrem no grupo de colaboradores do CEFISMA!

Repasse Financeiro

As movimentações financeiras do CEFISMA em março

Março se mostrou um mês bem representativo para o movimento de caixa do CEFISMA, porém com algumas variações interessantes. No total foram arrecadados R\$14.138,00 e gastos 12.194,67.

escrito por William de Castilho

página 5

Austeridade fiscal vs direitos humanos

Explicações básicas de economia para juristas

Juristas preocupados com a efetividade dos direitos fundamentais precisam começar a prestar mais atenção a temas econômicos. É preciso entender que a desenfreada busca por superávits fiscais contínuos tem impacto direto e negativo sobre as políticas públicas que se destinam a concretizar os preceitos constitucionais. Enxugar o orçamento público é, no fim das contas, retirar dinheiro do SUS, do INSS, da educação pública, da cultura, do meio ambiente etc. E aqui cabe uma observação inaugural: pouco importa o que você acha a respeito do tamanho que o Estado deve ter. Defenda o Estado mínimo à vontade, mas saiba que o faz em contrariedade à Constituição, que elencou vasto rol de direitos fundamentais para os quais o orçamento deve se adequar. Há nítida contradição entre restrições jurídico-fiscais e as diretrizes constitucionais de concretização de direitos sociais. É a política fiscal que deve(ria) se adequar à Constituição, não o contrário. Em outras palavras, quem fala de direitos humanos sem se importar com desenvolvimento econômico e com orçamento fiscal está fadado a cumprir o papel de Sísifo.

escrito por Gustavo Livio no GNN

página 6

Coletânea de Artes

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

página 7

A aprovação na universidade é o sonho de muitas pessoas, mas como a vida muda ao efetivar a matrícula?

Eu que morava em uma distância de 40 minutos de São Paulo, me mudei para as proximidades da USP buscando aproveitar tudo que a universidade tem a oferecer.

Em um primeiro momento eu sequer pensava em entrar na USP (por incrível que pareça) visto que ouvi muitos relatos dos estudantes do IFUSP, relatos esses que me trouxeram medo de ingressar no Instituto, visto que antes mesmo de entrar chegaram a me falar que eu iria trancar o curso em pouco tempo, que meus professores não ligam para meu aprendizado, entre outras mil histórias, mas ao final de tudo, pela qualidade da universidade e proximidade com minha casa, eu escolhi o IFUSP como local de graduação.

Sobre essa escolha eu também tive um debate interno, pois eu desejo ter o título tanto de bacharel, como licenciada em física então a ordem de entrada nos cursos não me faria diferente mas era necessário escolher apenas um, acabei fazendo um “uni duni tê” e cheguei na licenciatura como primeira graduação.

Na semana de recepção cheguei com certo estranhamento por conta de tudo que me falaram a respeito do Instituto, mas logo de início conheci um professor que demonstrou curiosidade sobre as vontades dos alunos dentro do curso, no famoso almoço com professores, tal professor levou meu grupo ao seu laboratório e nos incentivou a “bater de porta em porta” em busca de conhecer novas áreas da física, nos disse para explorar tudo que é possível e que está tudo bem mudar de ideia sobre qualquer coisa ao longo do curso, o que me tranquilizou muito sobre tudo que ouvi, que todos os professores eram ruins.

Esse professor conversou comigo sobre a possibilidade de um projeto conjunto, além de me ajudar a conhecer outra professora que me informou que caso seja do meu interesse, nos próximos semestres seu laboratório estará aberto para que eu possa fazer uma iniciação científica, tudo isso me trouxe felicidade por ter escolhido a USP, talvez nesse início eu tenha tido sorte por encontrar pessoas boas, mas ainda sim agradeço profundamente por essas primeiras experiências tão marcantes.

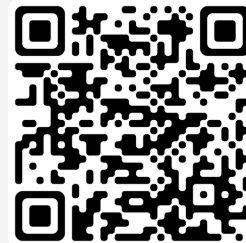
Para distrair a cabeça de todas as dificuldades que eu enfrentaria na universidade, passei a buscar uma atividade extracurricular, eu sou ex ginasta, ex bailarina e patinadora então queria uma atividade próxima disso, e conheci na física o cheerleader, esporte que me encantou e já entrei no time na primeira semana, durante o vestibular eu busquei universidades que me permitiram voltar a praticar esportes, visto que no meu ensino médio tive que parar, pois estava em um IF com TCC e estágios obrigatórios, então decidi parar com os esportes até a universidade, e a USP me trouxe novamente a possibilidade de praticar atividades físicas.

Outra coisa essencial foram as amizades, priorizei fazer amigos na primeira semana, pois sempre soube da importância de ter pessoas junto a mim para que a graduação seja mais leve, tanto em questões acadêmicas como pessoais, e realmente me ajudou muito, pois a saudade de casa unida ao estresse com a mudança me trouxeram uma pequena dificuldade nesse primeiro mês, e foram esses amigos que me falaram “tudo bem, sentimos o mesmo” e isso foi me trazendo calma.

As aulas foram dadas com calma, professores gentis e com boa comunicação e entendimento sobre os alunos, sinto que realmente tive sorte ao ter tais docentes ministrando as aulas de forma tão incrível, me fizeram aumentar minha paixão por coisas que vi no ensino médio, e conhecer coisas novas de forma doce e entusiasmada, e ainda alertaram sobre a necessidade de uma boa base de conhecimentos prévios, para que a graduação seguisse de forma tranquila seria necessário lapidar os conhecimentos que eu já tinha enquanto adicionava conhecimentos novos, por enquanto parece estar dando certo, mas só o futuro dirá.

Enfim, esse foi meu primeiro mês na USP, no Instituto de física, no início da minha vida universitária.

Escaneie o QR code!



Fio da Mariana, postado no X, que inspirou essa publicação!

Sobre o autor

Mariana Barbosa é ingressante do curso de licenciatura em física.

A organização estudantil na Física: dificuldades e próximos passos

Aqueles que estão no IFUSP desde antes da pandemia devem ter a memória de como era a vida estudantil antes da pandemia, entidades fortes, festas renomadas, atividades culturais e acadêmicas diversas e assembleias que atingiam quórum. Longe de trazer uma visão idealizada, quero buscar retomar essa memória em sua materialidade para que possamos ter clareza da sombra das expectativas, que pesa sobre as costas de quem constrói as entidades no IFUSP hoje, e despir-nos dela de modo que possamos olhar para a realidade que se apresenta para nós e pensarmos nos próximos passos para construirmos uma comunidade e uma organização estudantil que supere, inclusive, a organização passada. Não devemos tentar voltar para um passado idílico que não existe mais, precisamos rumar para o futuro.

Antes da pandemia, existia uma organização estudantil bem ativa e que contemplava diversos interesses dos estudantes, o CEFISMA tinha uma gestão com mais de 10 pessoas, que tinha uma comunidade engajada em suas atividades, assim como a Atlética, a Cheria e todas as demais entidades, com exceção do Coletivo Prisma, que não existia. Esse engajamento, vinha em um contexto em que as cotas socioeconômicas ainda não estavam implementadas e que a situação econômica do país não tinha decaído tanto, não tendo assim o volume de estudantes com duplas e triplas jornadas que temos hoje. Isso fazia com que os estudantes pudessem realmente viver a universidade, buscavam se engajar nas atividades culturais, acadêmicas e políticas e existia, em certo nível, uma comunidade distinta de pessoas, mesmo que ela fosse fragmentada e aglutinada pelas entidades. A partir dessa maior participação, havia uma facilidade maior de “passar a tocha”, era só incentivar o engajamento de quem se engajava mais e, a partir da participação na organização de eventos com pessoas mais experientes, ir passando essa experiência acumulada, era algo que acontecia de maneira quase natural.

Porém, durante a pandemia, ocorreu uma quebra na organização estudantil. Foram dois anos de EAD com os estudantes completamente isolados, muitas pessoas mais experientes se aposentando das entidades por se formarem e inclusive algumas que estavam em formação, já tendo acumulado alguma experiência, também se formando ou se afastando das entidades. O resultado disso foi que tivemos uma quebra muito grande de quadros formados da organização das entidades, os acúmulos que eram passados naturalmente ano após ano foram praticamente perdidos, e isso aconteceu não só porque todo mundo se formou, mas também porque essa quebra aconteceu também nas entidades estudantis gerais, como o DCE e o BIFE, que precisaram pegar as pessoas mais formadas das bases, deixando as entidades de base desamparadas com falta de acúmulos.

Outro fator importante da pandemia, foi o isolamento. A falta do presencial reforçou a tendência do neoliberalismo de fragmentar as comunidades até seu átomo, o indivíduo. Se antes da pandemia a comunidade do IFUSP já fosse fragmentada, girando em torno das entidades e grupos de amigos mas tendo uma comunidade geral que permitia a interação entre esses diferentes fragmentos mesmo que já tivessem pessoas que caíam pelas frestas e ficavam isoladas, a pandemia

intensificou esse fenômeno, aliada e reforçando o enfraquecimento das entidades, a comunidade do IFUSP hoje se encontra hiper fragmentada, as entidades estão cada vez mais fechadas em si e aglutinam cada vez menos pessoas em torno de si, com cada vez menos interação entre os diferentes fragmentos. Essa tendência também se reflete politicamente na medida em que cada vez menos estudantes se percebem enquanto parte de uma coletividade com interesses comuns, cada vez menos percebem que os problemas e dificuldades que encontram no curso não são problemas individuais mas sim coletivos e que, portanto, a saída para essas dificuldades é a luta política coletiva.

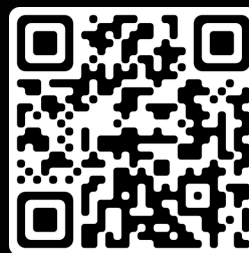
Isso reforça a relação que os estudantes têm com o CEFISMA, de que o CEFISMA é apenas sua diretoria e que ela deve trabalhar sozinha para realizar a luta pelos estudantes e defender, sozinha, seus interesses. Essa relação também não é nova e é, inclusive, herança de décadas do Movimento Estudantil sendo hegemonizado pela linha pequeno-burguesa da majoritária (UJS e juventudes do PT), que tem uma postura de decidir tudo entre a diretoria das entidades e, então, se sentar em mesas de negociação para conseguir vantagens individuais e/ou apenas para suas bases, desconsiderando o interesse dos estudantes, desmobilizando sua luta com horizontes rebaixados e afastando cada vez mais as entidades de suas respectivas bases. Podemos ver um reflexo disso pela forma que falam sobre as entidades dentro do ME, dizem que tal força tem uma entidade, como se fosse uma relação de propriedade, de posse, e não que tal força constrói uma entidade, essa última expressando uma relação de coletividade, pois quem tem uma entidade são os estudantes e quem constrói essa entidade também são os estudantes, podendo ou não algum deles serem de uma força política organizada.

Continua na próxima página



Você tem vontade de ajudar na construção do Centro Acadêmico do IFUSP?

entre no grupo de colaboradores através do QR code abaixo!



A organização estudantil na Física: dificuldades e próximos passos

Qual é o papel de um Centro Acadêmico então? Um CA é, ou deveria ser, o organizador de todos os aspectos da vida cotidiana em um determinado local. É claro que o CA deve abranger os aspectos políticos de lutar pelas demandas da base, mas não o faz sozinho, ele organiza a luta estudantil e sua direção direciona a organização e a luta em torno de seu projeto político. Mas diferentemente de um sindicato, um CA também existe em um espaço físico, uma unidade dentro da universidade, então o CA deve também organizar a comunidade de dado local em seus aspectos sociais, culturais e acadêmicos, com a diretoria direcionando e auxiliando nessa construção. Um CA não é apenas sua diretoria, é também suas comissões, seus GTs (Grupos de Trabalho), suas iniciativas e aqueles que as constroem. Assim, não é papel da diretoria do Centro Acadêmico fazer todas as demandas que são levadas à ela, mas sim de organizar os estudantes interessados em fazê-las e fazer junto, o CA deve abraçar todas as iniciativas estudantis dessa forma, quer fazer um grupo de cinema? A gente ajuda a organizar. Quer fazer um grupo de leitura? A gente ajuda a organizar. Não fazemos para, fazemos com os estudantes.

Tá, mas o engajamento estudantil está baixíssimo, a comunidade fragmentada e cada vez mais pessoas caem pelas margens, o que fazer? Há hoje uma grande quantidade de pressão sobre os estudantes que constroem as entidades para fazer tudo que acham que deve ser feito e como acham que deve ser feito, muito apoiado nesse saudosismo com a vida estudantil da física de antes da pandemia. Mas o que fica cada vez mais claro é que não temos gente o suficiente e nem acúmulos suficientes para fazer as coisas como fazíamos antes, até é possível fazer uma grande festa nos níveis das últimas, mas também somos estudantes, muitos de nós trabalham também, e a cada super festa que fazemos mais e mais gente entra em Burnout, se frustra com a construção e com a cobrança incessante e sai da construção da comunidade, assim, ao invés de acumularmos aos poucos novas pessoas para as entidades, temos cada vez menos gente e quem assume tem sempre que reinventar a roda.

Temos que ter a clareza que não somos mais aquela Física de antigamente, temos um perfil muito mais proletarizado e precisamos fazer o que está ao nosso alcance, deixar de querer fazer eventos megalomaniacos e fazer eventos com o pé no chão, para voltar a aglutinar as pessoas em torno das nossas entidades, em torno da luta, e aos poucos ir evoluindo nosso acúmulos, nossa capacidade de organização e realmente reconstruir a vida comunitária no IFUSP. Mas não podemos deixar de entender também os problemas da antiga vida comunitária, como os conflitos egoísticos feitos por debaixo dos panos, para não voltar a ser como era antes, mas sim construir uma comunidade melhor, forte e saudável, que consiga lidar coletivamente com seus problemas e contradições.

Sobre o autor

Olivia Anelli foi presidente do CEFISMA durante o período entre o primeiro semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024, através da chapa Quebra de Simetria. É estudante de bacharelado em física, trabalhadora e pesquisadora.

Essa edição foi produzida através de um esforço coletivo centralizado em um grupo de trabalho!

Seu esforço também é bem vindo! Participe do GT do Boletim informativo Supernova

Edição e diagramação: Ely Miranda e Maria Alice Costa Negreiros

Repasse financeiro

As movimentações financeiras do CEFISMA em março

Março se mostrou um mês bem representativo para o movimento de caixa do CEFISMA, porém com algumas variações interessantes. No total foram arrecadados R\$14.138,00 e gastos 12.194,67. Os ganhos se dividem em duas categorias, os alugueis que representam a maior parte do bolo numa grandeza de 12.000 e as vendas de produtos na ordem de 2000. Deve-se dizer que em geral a diretoria controla os gastos para que esses fiquem abaixo do recebimento dos alugueis, mas em Março ainda estávamos lidando com gastos de eventos da recepção de ingressantes e da festa de bixes. Além disso, tivemos mais recebimentos que o normal também. Com a venda das camisas e blusas em bom fôlego e os eventos feitos.

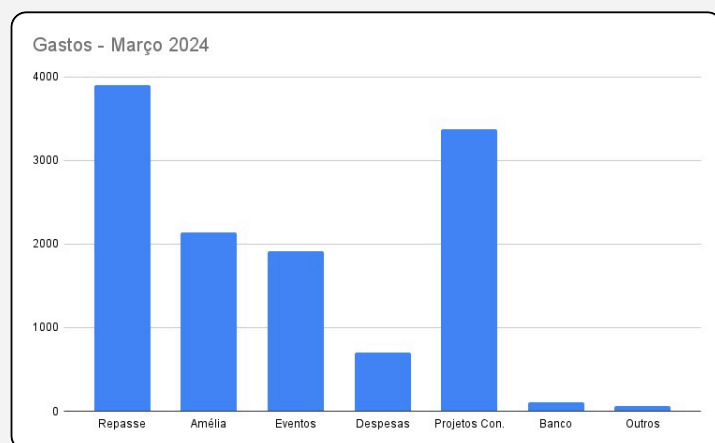
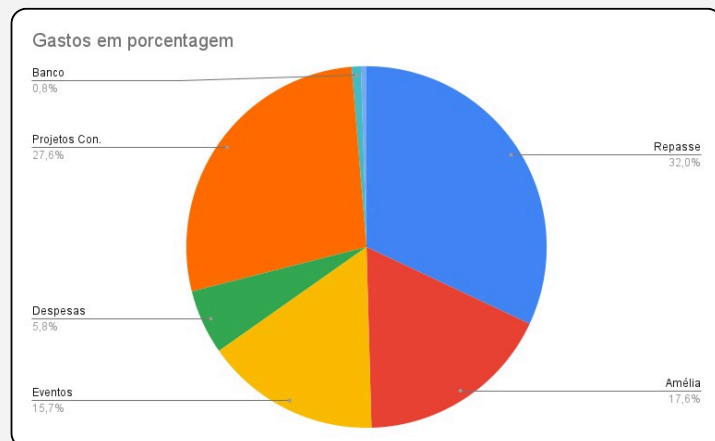
Considero melhor expandir a discussão quantitativa com os gastos. Cerca de 80% dos gastos com projetos em conjunto vem justamente da festa e 60% dos gastos com eventos vem de reembolsos feitos sobre itens comprados para a recepção. O CEFISMA teve grandes perdas com a festa, mas considera que manter esse evento cultural vivo no IF é de grande importância. Nossa ideia no momento é de desescalar o tamanho do evento, já que tivemos em torno de 75% do valor investido em prejuízo. Um experimento foi feito com a primeira edição dos pocket shows do IF. Artistas de fora foram trazidos e uma banda de jazz do IF se apresentou. Um evento muito divertido e diferente da conjuntura usual de festas da universidade. Por mais que o evento não tenha se pagado, o investimento foi baixo. O total de gastos foi de R\$ 415,00, que foi basicamente o cachê dos artistas. Com a possibilidade de crescimento do evento e podendo atrair mais artistas do próprio instituto, considero que há um potencial tanto cultural como financeiro na ideia.

Nos três maiores gastos, como pode-se ver nos gráficos, temos o repasse, projetos em conjunto e os custos com o Amélia Imperio. Eles se mantêm nessa exata ordem como os maiores gastos praticamente todo mês. E isso é o que eu quis dizer com março ser um mês típico. O volume de gastos foi um pouco maior do que o normal, mas a distribuição se manteve quase a mesma. Eu já falei um pouco dos dois outros maiores gastos, então vamos falar do Amélia Império.

Caso você não saiba, Amélia Império é o nome do prédio onde tem o restaurante da física, a vivência e a secretaria do CEFISMA/AAAGW. Talvez uma das maiores responsabilidades do nosso CA é de cuidar daquele espaço para que estudantes tenham um bom lugar de convivência. Manter o prédio em bom estado também evita possíveis desculpas para a remoção do controle estudantil existente atualmente. Por isso, mensalmente o CEFISMA gasta de 2000 a 3000 reais na manutenção e limpeza do espaço.

Eu diria que esses são os pontos mais relevantes a serem discutidos sobre nossos gastos mensais. Para os curiosos, o “outros” no mês de Março se referiu a dois reembolsos feitos por erros na vendas das camisas, o que totalizou 60 reais. As despesas gerais se referem a gastos com nosso site e as contas do Amélia Império (luz, etc...).

Em geral espero ter esclarecido como o CEFISMA utiliza seus recursos e o que estamos pensando em fazer com esses no futuro. Qualquer coisa sintam-se livres para nos escrever.



Sobre o autor

William de Castilho é doutorando em Física Estatística e diretor financeiro da chapa Quebra de Simetria.

Austeridade fiscal vs direitos humanos

Explicações básicas de economia para juristas

Juristas preocupados com a efetividade dos direitos fundamentais precisam começar a prestar mais atenção a temas econômicos. É preciso entender que a desenfreada busca por superávits fiscais contínuos tem impacto direto e negativo sobre as políticas públicas que se destinam a concretizar os preceitos constitucionais. Enxugar o orçamento público é, no fim das contas, retirar dinheiro do SUS, do INSS, da educação pública, da cultura, do meio ambiente etc. E aqui cabe uma observação inaugural: pouco importa o que você acha a respeito do tamanho que o Estado deve ter. Defenda o Estado mínimo à vontade, mas saiba que o faz em contrariedade à Constituição, que elencou vasto rol de direitos fundamentais para os quais o orçamento deve se adequar. Há nítida contradição entre restrições jurídico-fiscais e as diretrizes constitucionais de concretização de direitos sociais. É a política fiscal que deve(ria) se adequar à Constituição, não o contrário. Em outras palavras, quem fala de direitos humanos sem se importar com desenvolvimento econômico e com orçamento fiscal está fadado a cumprir o papel de Sísifo.

Como escrevo essencialmente para juristas, tentarei ser o mais didático possível para mostrar que temas econômicos não são bichos de sete cabeças. Há duas políticas econômicas centrais: a política fiscal e a política monetária. Foquemos na primeira.

A política fiscal trata basicamente do orçamento público, seu tamanho e suas escolhas alocativas. A política fiscal possui dois lados: o lado da arrecadação e o lado das despesas. Pelo lado da arrecadação (receitas), o que acontece quando o Estado cobra tributos? Ele retira riqueza do setor privado. Do outro lado (o das despesas), o que acontece quando o Estado gasta? Ele despeja recursos na economia. Com isso, percebemos uma primeira característica da política fiscal: ela é essencialmente redistributiva, o que significa dizer que o Estado desloca a riqueza de um lugar para outro. E pode deslocar tanto de cima para baixo (tributação progressiva + políticas de distribuição de renda para os mais pobres) quanto de cima para baixo (tributação regressiva + taxas básicas de juros estratosféricas).

Mas será que o Estado precisa arrecadar antes de gastar? A resposta, embora contraintuitiva, é não. Estados que emitem sua própria moeda (ou seja, possuem soberania monetária) não precisam de receitas tributárias ou de venda de títulos para financiar seus gastos exatamente porque a emissão da moeda precede cronologicamente a receita tributária e o recolhimento de recursos via títulos da dívida pública. Soberania monetária significa a capacidade do Estado de aumentar a base monetária sempre que desejar.

O que são políticas de austeridade fiscal? Antes de entendê-las, precisamos fazer um mergulho nas divergências do pensamento econômico. De forma muito resumida, duas correntes historicamente se digladiam sobre o papel do Estado na economia. A primeira delas é a corrente composta de um conjunto de teorias de matriz neoclássica, que hoje é tida como a ortodoxia econômica. Em geral, os ortodoxos contraindicam políticas fiscais expansionistas. Para eles, o ativismo fiscal do Estado produz um efeito de deslocamento do investimento privado (conhecido como crowding out).

Existiria relação de concorrência – e não de complementariedade – entre investimento público e investimento privado, de modo que a ampliação dos gastos públicos geraria retração da atividade privada. Jonh Cochrane, famoso defensor dessa corrente, argumenta que “cada dólar de aumento da despesa do Estado tem de corresponder a menos um dólar de investimento privado. Os empregos criados pelo investimento em incentivos são compensados pelos empregos perdidos devido ao declínio do investimento privado”. Como o investimento público, por definição (!), é menos “eficiente” (!) do que o privado, o expansionismo estatal pode até gerar crescimento do PIB no curto prazo pelo aumento imediato da demanda agregada, mas a médio e longo prazos geram apenas inflação e desequilíbrio na medida em que o aumento da demanda não é acompanhado pelo aumento da oferta. Por trás desse pensamento está a crença de que o mercado é dotado de mecanismos estabilizadores que induzem equilíbrio automático e alocação ótima dos recursos escassos, e se o Estado entra na equação tudo o que ele pode fazer é perturbar esse equilíbrio. Os ortodoxos acreditam que o crescimento econômico é resultado essencialmente do aumento de produtividade (a demanda é um componente secundário). Se o Estado quiser ajudar, deve cortar tributos e reduzir sua atuação ao máximo. A estratégia keynesiana (que veremos na sequência) não pode funcionar porque todo dinheiro que o Estado injeta na economia deve ser, antes, arrecadado via tributos ou empréstimos, de modo que o Estado não pode criar nova demanda, mas apenas transferir riqueza de um grupo para outro.

Acesse o texto completo aqui!



Sobre o autor

Gustavo Livio é mestrando pela UFRJ com pesquisa em Economia e Direito, Promotor de Justiça no MPRJ e Ex-Defensor Público da Bahia.

Esse artigo foi retirado da internet no site do Coletivo Transforma MP.

Coletânea de Artes

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!



Apollo 11
Victor
Arte Visual

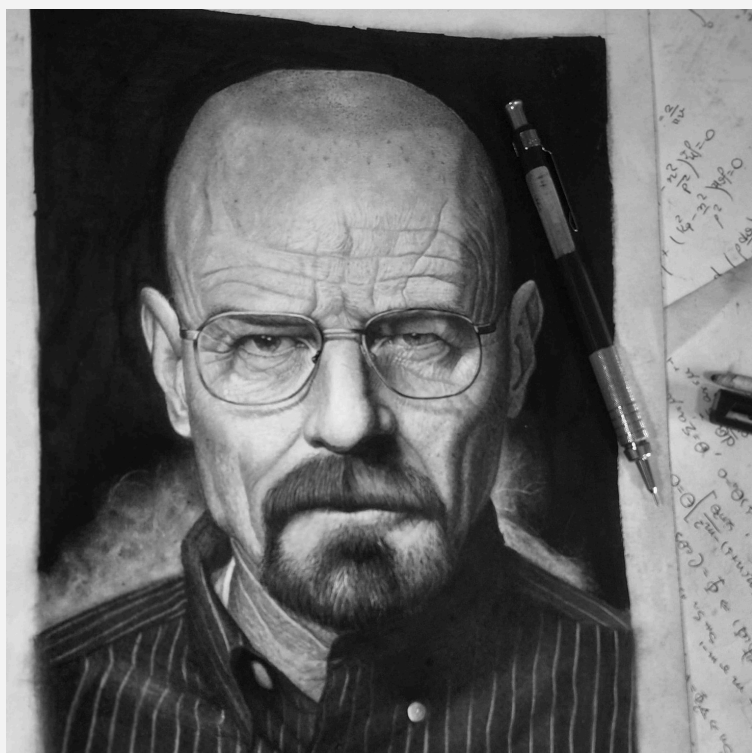
C. D. A.
GALLT
Poema

Às vezes penso como você, caro amigo,
Isolado no mundo disperso e ambíguo.

O mundo é grande demais para ser esquecido,
Mas ainda queremos ser lembrados
Pelos nossos entes íntimos.

Somos reféns de nossa existência,
Escravos de nossas escolhas,
Párias em nossas sociedades.

Como desvendou o tamanho do mundo, Carlos?



Walter White, grafite e carvão
João
Arte Visual



Sobre minhas mãos
Andy
Arte Visual

"Busco apresentar sentimentos internos através de desenhos, assim como meu amor por animais, e caso isso chame sua atenção tem meu insta artístico @andylima_studio"

PUBLIQUE SUA ARTE NA SUPERNOVA

Envie sua arte pelo QR Code:



MetAmorfose

Débora Green

Essa é uma história que não deveria ser compartilhada, mas de tanto guardá-la pra mim, acabei achando que ela ia ficar esquecida no passado da minha memória com o passar dos anos. Então é melhor deixá-la registrada para que os detalhes não sejam perdidos. É uma história que causa uma sensação estranha, uma certa repugnância talvez. Ou aquele Estranhamento que você tem quando é criança e se depara com algo fora do seu mundo. Era a sensação que eu tinha ao assistir castelo rá-tim-bum, ou com aquela pessoa da infância que você achava que tinha alguma má intenção. Era algo que meu eu criança só sentia e não sabia explicar a origem. Talvez as coisas que os adultos contavam. "Cuidado com o bicho papão", então você materializava o bicho papão em uma pessoa, assumia que era real e sentia essa repugnância interna e inexplicável.

Mas vamos a nossa história:

Essa é a história da Anne, uma menina jovem e bonita que vivia numa cidade enorme e cheia de pessoas. Ela gostava de caminhar pelo bairro, principalmente à noite. Era bem ingênua, apesar de já não ser mais tão criança e adorava viver sua liberdade. Anne foi adotada por um casal que desistiu de sua criação, e portanto, ela decidiu viver só.

Certo dia, em uma de suas caminhadas noturnas ela decidiu visitar um bairro mais distante da sua casa. Foi explorar uma rua plana de casas bonitas e diferentes. Caminhou e caminhou, até que se deparou com uma casa muito diferente das demais. Uma casa que, à primeira vista, lhe causou aquele estranhamento e repugnância que eu expliquei pra vocês no começo. Mas esta sensação, apesar de ruim, é tão diferente de tudo que ela já tinha sentido na realidade, que ficou lá. Olhando a casa. Cada detalhe da entrada. Tinha uma calçada normal, com um portão relativamente comum que permitia enxergar todo o interior do imóvel. A primeira vista se via um vidro na frente que dava para uma sala. Cheia de livros...Anne adorava ler. Mas os livros pareciam velhos e os móveis da sala antigos. Anne se aproximou do portão para observar mais de perto. Ao lado da sala com o paredão de vidro havia um corredor que dava para o restante da casa aos fundos onde se via uma luz acesa. Alguém deve estar jantando, ela pensou.

Até que de lá de dentro se ouviu uma voz, um som que dedurava ser de uma pessoa idosa, cumprimentando quem estava lá fora. Anne tomou um grande susto com o som e pensou em correr. Mas congelou. Pensou, se não for agora, não vai ser nunca mais. Eu vou sentir um pouco mais deste estranhamento, porque apesar de ruim, é uma sensação única que eu nunca tive antes. Era um misto de estranhamento com curiosidade, que era repulsivo e atrativo ao mesmo tempo. Pode parecer confuso, mas existem

coisas na vida que apesar de doerem são boas e envolventes. Anne aceitou o convite para entrar.

Abriu o portão da casa e adentrou seu inteiror. Se deparou com uma casa muito diferente de tudo que já tinha visto antes. As paredes eram forradas com um papel no estilo americano, mas brilhante. Tudo tão chamativo. Sofás de couro branco, com uma mesinha no centro da sala feitas daquelas madeiras antigas, estilo os móveis alemães. Rígidos e grossos. A continuação da sala de estar dava para uma sala de jantar onde se encontrava um velho sentado. Anne se aproximou, e ele se apresentou. Anne também disse seu nome, com uma ousadia e atitude que ela própria desconhecia. Sentou-se na mesa e começaram a conversar.

O velho apresentou a Anne uma gama de conhecimentos que tinha. Contou a ela a história de sua vida. Tudo que já havia passado, desde sua juventude até o presente momento. Também contou a ela o quanto a vida dele não tinha muito sentido naquela casa, que para ele já não tinha mais tanta novidade. Apesar de ser uma novidade enorme para a garota. Contou a ela sobre seus amores, trabalhos, lutas, conquistas e tristezas. Tanta coisa, que era um pouco indiferente pra ela. Um total desconhecido, contando-lhe sua vida assim, como um livro aberto.

Dentre as histórias que lhe contou, o que marcou foi saber que ele não vivera tudo o que queria. Passou uma vida inteira acumulando riquezas, trabalhando, planejando, conquistando, que quando se deu conta, de repente, se esqueceu de viver! Não teve filhos, família, nada...

A maior graça da vida dele agora era sair para um parque verde, e ficar lá, andando aleatoriamente sem qualquer objetivo. Apenas apreciando o ar puro, o verde das árvores e o som da água do lago. Anne sentiu um pesar enorme por isso. O velho parecia um bruxo envelhecido, com um ar de repugnância que o nino do castelo rá-tim-bum lhe causara da mesma forma na infância. E ela sabia que essa sensação só ocorreria uma vez. Se sentiu de mãos atadas diante daquela vida desgastada e perdida em moedas de ouro.

Até que teve uma ideia. Anne era jovem demais, e decidiu que doaria um pouco de sua juventude ao velho. Fizeram um pacto. E a partir daquele momento, Anne não seria mais apenas uma menina, mas uma mulher. Em troca, o velho ganhava mais tempo de vida para recuperar seu tempo perdido.

O velho bruxo preparou o ambiente em que todo o processo de transferência ocorreria. Apagaram as luzes e deixaram apenas algumas velas acesas. E tudo foi muito rápido. O feitiço foi traçado e diante de todo aquele estranhamento, Anne fechou os

olhos e teve um breve momento de êxtase, onde assistiu toda sua vida passando diante de seus olhos em questão de segundos. E então o filme se encerrou com o fechamento das cortinas, como em uma peça de teatro que acaba. As luzes se acenderam. Ela olhou no relógio e viu que já era tarde demais para voltar para casa. Saiu às pressas e correu de volta com medo da noite.

Daquele dia em diante se sentiu não mais uma simples menina, mas uma mulher de verdade, dona de suas próprias decisões e responsável pelos seus erros. Passados alguns anos, Anne decidiu voltar àquela casa onde havia feito o pacto. Numa noite tarde, caminhou pelas mesmas ruas até encontrar a casa em que havia doado parte de sua vida. Nesta segunda passagem pela entrada as sensações foram muito distintas da primeira. Sentiu uma tristeza enorme e inexplicável. Como se um buraco tivesse se firmado em seu coração no mesmo instante em que admirava as paredes da entrada. Elas já estavam muito diferentes das paredes antigas que tinha visto da primeira vez. A fachada de entrada era laranja, com plantas caídas sobre elas. Na entrada também haviam algumas luzes que a tornavam mais alegres que antes. Mas isso causava ainda mais tristeza dentro de Anne, sem que ela sequer soubesse o motivo. Talvez um arrependimento interno do pacto que fizera. Uma frieza interna, e uma certa melancolia se apoderaram de seu eu interior. Sentiu vontade de voltar. Mas, mais uma vez, preferiu o desconhecido. Entrou e procurou o velho. Não o encontrou na sala de antes, mas em outra, no interior da casa. Uma sala com alguns móveis de um tom amarelado, no estilo das Astúrias. Uma grande porta com quadradinhos pequenos de vidro que a compunham em seu todo. Um telefone sobre a mesa uma pessoa sentada sobre uma cama de lençóis brancos. Ela se assustou com o que viu. Não havia mais um velho na casa, mas um moço muito jovem. Ao ver o espanto estampado no rosto dela ele logo gritou:

-Não se assuste! Sou eu, o velho pra quem você doou um pouco de sua juventude!

Anne não sabia o que fazer. Mas não iria fugir. Era estranho e ao mesmo tempo satisfatório contemplar a consumação total daquele feitiço realizado no passado. Só tentou conter um pouco a loucura de não correr por todos os cômodos da casa anunciando aos sete mundos o que ela contemplava naquele momento.

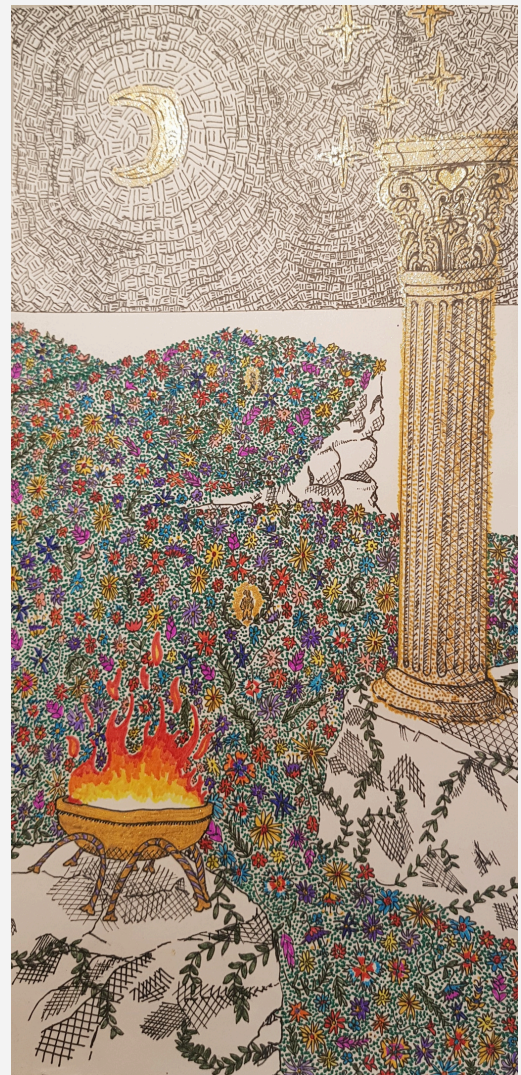
O jovem então a convidou para jogar alguma coisa. E ela aceitou. Pegou uma sacola e colocou vários jogos novinhos que ele possuía. Colocou-os sobre uma mesa e ela escolheu um. Ainda tentando disfarçar todo o nervosismo e assombramento que sentia daquele ser transformado, ela se sentou e se concentrou no jogo. Ele ganhou o primeiro, ela ganhou a segunda rodada, mas então perdeu a terceira de lavada e desistiu de jogar.

Anne achou que poderia lidar com aquela loucura toda, mas não conseguiu. Não podia aceitar o que estava vendo, diante de si. Um velho se metamorfosear em um jovem, bem diante de si. E

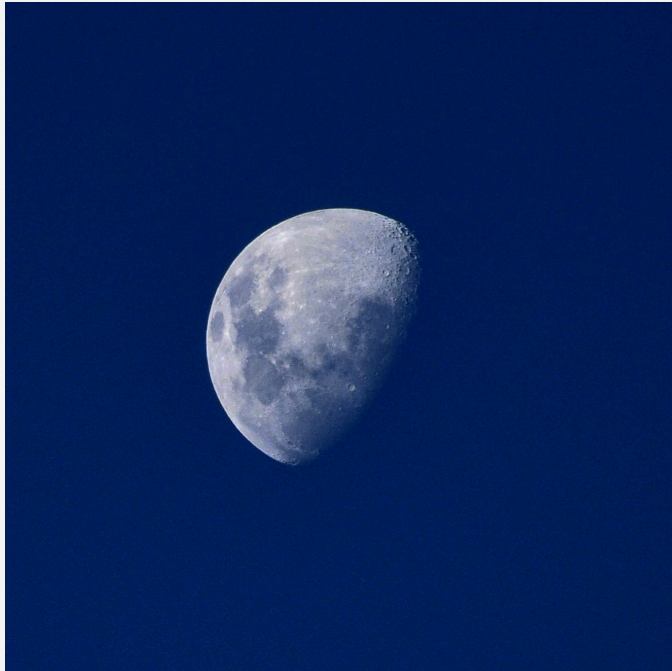
toda a juventude que doou também não lhe fez falta, pois ela ainda era grata pela mulher que se tornara. Mas não podia suportar a ideia daquele outro ser. Ela se cansou dos jogos e decidiu que já estava tarde demais e precisava voltar para casa. Ele a acompanhou até a saída, e antes que ela se fosse, foi até a casa e pegou dois chocolates, um para ele e um para ela. Lhe entregou o chocolate, ela olhou para o bombom redondo com uma embalagem rosa brilhante. Sentiu vontade de chorar, mas segurou. Não queria que ele percebesse o que ela sentia. Então ela se foi, correu em direção a sua casa e também a sua própria vida e nunca mais voltou.

MetAmorfose
Débora Green
Conto Fictício

"pretendo publicar mais coisas no meu blog de divulgação científica: <https://astrolivros.blogspot.com/>"



Campos Floridos
Kanã B. Prates e Yuki Hirako
Arte Visual



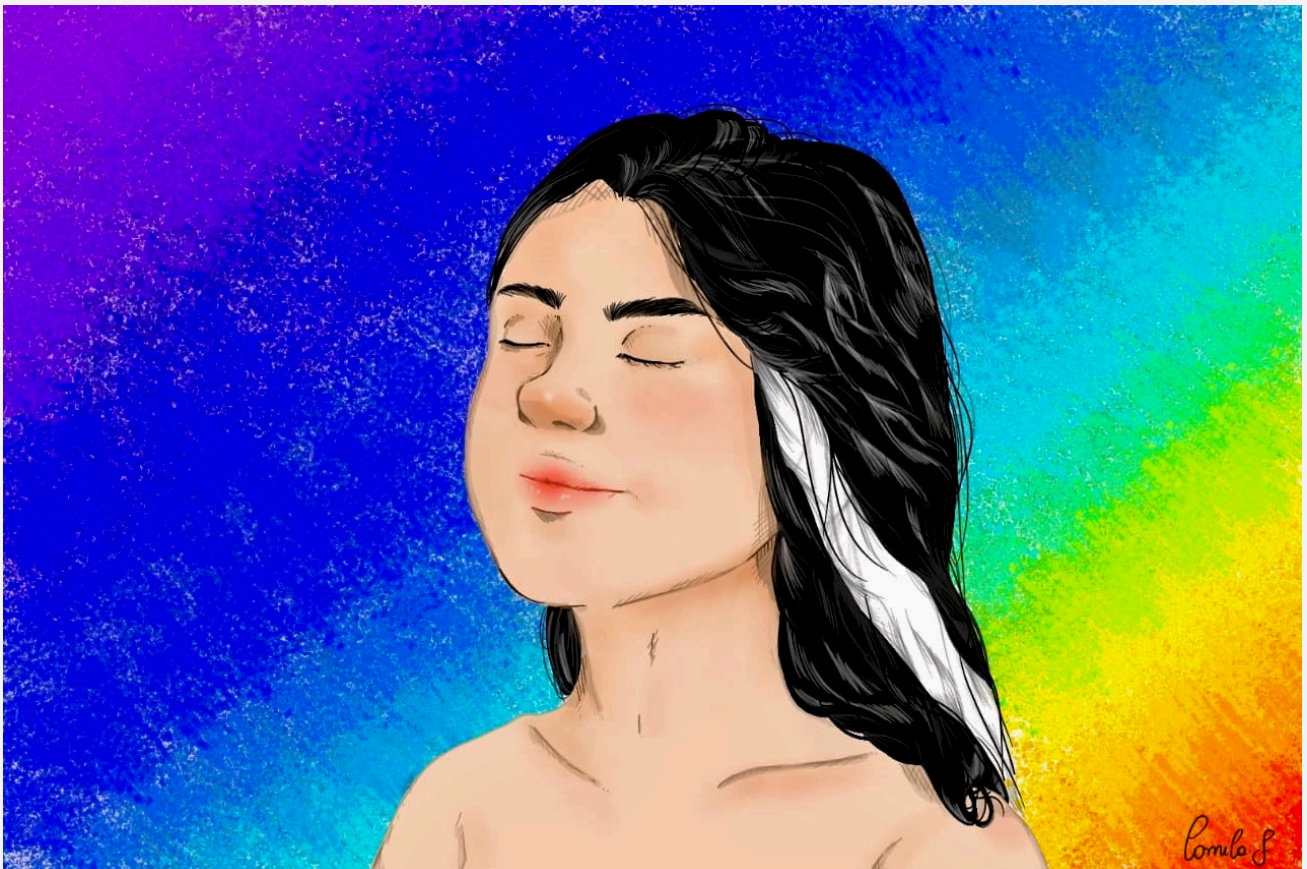
Azul-Verdadeiro
Yuki Hirako
Arte Visual

Ela
Bip
Microconto

Ela rodopia lindamente pelo salão de dança.

Ele a observa. Seus cabelos longos voando, suas mãos delicadas indo para o alto, sua saia rosa girando e seu busto pulando ao ritmo da dança. Tão hipnotizante a beleza da cena que Ele tenta copiá-la. Uma, duas, três vezes. Falha. Olha para baixo e pensa que jamais conseguirá.

Tristemente, Ele volta a apenas olhá-la. Pergunta-se o quanto gostaria de estar dançando com Ela. Ou de ser ela.



Espectro da alma
Camila Fernanda Ap. Silva
Arte Visual